

Ezequiel Gomes da Silva<sup>1</sup>

**Resumo:** Em 1886 a atriz Sarah Bernhardt fez sua primeira excursão para o Rio de Janeiro. Essa visita significou uma oportunidade para os fluminenses assistirem, em língua francesa, dramas que já haviam sido representados em italiano e português europeu, por Eleonora Duse e Lucinda Simões, respectivamente. Com a vinda de Mme. Sarah criou-se uma grande especulação, na qual tomavam parte a imprensa, comerciantes, cambistas e falsificadores de bilhetes. No *Diário de Notícias*, além da coluna fixa “Sarah Bernhardt”, as informações sobre o dia a dia da diva eram veiculadas na seção “De palanque”, assinada por Artur Azevedo e na seção anônima “Foyer”. Com base nos textos publicados nesses três espaços, mostraremos como se deu esse grande acontecimento na capital do Império.

**Palavras-chave:** Artur Azevedo; crônica; imprensa; Sarah Bernhardt.

**Abstract:** In 1886 the actress Sarah Bernhardt made her first visit to Rio de Janeiro. This trip meant an opportunity to fluminense people watch in French language some dramas that had been represented in Italian and European Portuguese by Eleonora Duse and Lucinda Simoes respectively. With the arrival of Ms. Sarah there was a great speculation in what the press, scalpers and tickets falsifiers took part. At Diary News, besides the editorial section “Sarah Bernhardt”, the informations about the diva’s daily could also be seen at the section “De Palanque” signed by Artur Azevedo and in the anonymous section “Foyer”. Based on the texts published in these three spaces, we will show how this great event happened in the capital Empire.

**KEYWORDS:** Artur Azevedo, chronicle, press, Sarah Bernhardt.

A 29 de janeiro de 1886 a empresa Braga Junior levou à cena, no teatro Lucinda, no Rio de Janeiro, a revista *O Bilontra*, que passava em retrospectiva, de modo bastante satírico, como todas as revistas de ano, os principais fatos do ano precedente. Nas cenas I, II, III e IV do quadro catorze dessa revista, os autores Artur Azevedo e Moreira Sampaio construíram personagens encarregados de contar à plateia o surgimento do periódico *Diário*

<sup>1</sup> Mestre e Doutorando (UNESP/Assis).

de *Notícias*, cujos progenitores foram os jornais *Brasil e Folha Nova*. Infelizmente, não foi possível encontrarmos o projeto que iria nortear o trabalho do novo periódico fluminense, visto que, na coleção microfilmada do Arquivo Edgar Leuenroth, na Unicamp, as duas primeiras páginas do primeiro número, que circulou em 7 de junho de 1885, encontram-se mutiladas. No entanto, conseguimos descobrir através da revista em questão, de uma nota publicada na “Psicologia da imprensa”, do *Jornal do Comércio*, em 8 de junho, e de uma outra publicada pela redação em 25 de julho do mesmo ano, que as principais características do *Diário* eram as de ser noticioso e imparcial.

Juntamente com o novo periódico, o primeiro dos autores citados inaugurou uma seção intitulada “De palanque”, na qual se propunha a comentar sobre arte, cultura e assuntos genéricos.

Nestas colunas tratarei de tudo, menos do que não entendo, analisando frivolamente *quid debeat, quid non*. Apreciação ligeira de um quadro que se expõe, de uma peça que se representa, de um fato que se produz, de um livro que se publica; hoje uma frase lisonjeira a este artista; amanhã uma catanada naquele mau poeta; efêmeras impressões, escritas sem pedantismo nem outra pretensão que não seja a de conversar com o leitor durante alguns minutos; orgulhoso propósito de não deixar desaforo sem resposta, parta de onde partir – eis o que sempre foi o Palanque no *Diário de Notícias*, e o será nas *Novidades* (DE PALANQUE, 26/03/1887).

Devido à impossibilidade de transcrevermos o programa jornalístico das próprias páginas do *Diário de Notícias*, uma vez que a metade do primeiro número desse jornal se encontra mutilado, retiramos o trecho acima do periódico *Novidades*, para o qual o cronista migrou com sua seção em 1887.

Embora tenha apresentado um programa bastante abrangente, o jornalista mesmo viria reconhecer que seu interesse estava mais em assuntos referentes à dramaturgia:

Bem sei que há quem estranhe a minha preferência pelos assuntos de teatro, quando no primeiro número desta folha, apresentei um programa tão largo e tão genérico. Mas que quer o leitor? Temos ultimamente atravessado um período de efervescência teatral. As primeiras representações sucedem-se, e num país onde a cultura da arte dramática é ainda incipiente, parece-me que uma primeira representação é sempre um acontecimento digno do apreço de um cronista de boa fé. O teatro é espelho fiel da civilização de um povo; criticá-lo, analisá-lo, animá-lo, é a obrigação de todo aquele que, como eu, desejaria vê-lo erguido à devida altura (DE PALANQUE, 01/07/1885).

A “efervescência teatral” de que fala o cronista diz respeito à presença de uma companhia dramática italiana, da qual fazia parte a atriz Eleonora Duse, e à chegada de duas outras empresas: uma lírica, italiana, e uma francesa, de operetas. Sobre essa “invasão estrangeira”, João Roberto Faria (2001) esclarece:

---

Para se compreender melhor a vinda de grandes artistas estrangeiros ao Brasil, é preciso ter em mente que as temporadas nas capitais europeias começavam geralmente no final de setembro ou começo de outubro e se estendiam até o final de maio, meados de junho. Nos meses de verão, uma cidade como Paris era praticamente abandonada pela burguesia que frequentava os teatros. Sem trabalho durante três ou quatro meses, os artistas de renome convocavam alguns colegas, formavam uma companhia dramática e vinham “fazer a América”, dando representações no Rio de Janeiro, São Paulo, Porto Alegre, Buenos Aires, Montevideú e eventualmente em outras cidades menores (FARIA, 2001, p. 180).

Apesar do entusiasmo expresso por Artur Azevedo na sua “De palanque”, o cronista olhava essas excursões com certo cuidado, já que as empresas “forasteiras” representavam uma forte concorrência para as “indígenas”. Dois dias antes da estreia da companhia Rossi-Duse-Checchi ele comentava:

Vai um rebuliço extraordinário pelos nossos teatros. Despontam no horizonte vinte mil novidades, e as empresas indígenas tremem, assustadas pela aproximação da concorrência. Pobres empresas! lutam metade do ano com o calor e a outra metade com a invasão estrangeira. Seria justo que as companhias forasteiras pagassem às permanentes um imposto pecuniário, que de alguma forma compensasse o medonho sacrifício a que são estas obrigadas. O público despreza os artistas que o divertem todo o ano, desde o momento em que lhe apareçam os outros – os que só o divertem quando faz frio (DE PALANQUE, 23/06/1885).

A companhia esteve no Rio no período de junho a setembro, apresentando aproximadamente dezenove peças, quase todas do repertório francês. Eram produções de Victorien Sardou, Alexandre Dumas Filho, George Ohnet, Meilhac e Halevy, Emilio Augier e Octave Feuillet. Apenas três autores italianos tiveram suas peças incluídas no repertório: Paulo Ferrari, Giovanni Giordano e Carlo Goldoni.

Em 1886, os fluminenses teriam a oportunidade de ver representar pela primeira vez em solo brasileiro a atriz francesa Sarah Bernhart. Um grande entusiasmo tomava conta dos amantes da arte dramática. Disso nos dá prova João Roberto Faria, relativamente ao expansivo contentamento de Joaquim Nabuco:

Nós a aclamaremos duas vezes: porque ela nos vem como Sarah Bernhardt, e nos vem como a França. Pela primeira vez em nossa história temos a honra de receber em nosso país a glória francesa. A atriz que continua a tradição de *mademoiselle* Lecouvreur, de *mademoiselle* Clairon e de *mademoiselle* Rachel, é no mais elevado caráter a embaixadora do espírito francês. Ela representa o ponto culminante do teatro da nação que, única em nossos dias, tem um teatro, e que foi a única a ter no teatro uma tradição, uma escola, uma educação NABUCO *Apud* FARIA, 2001, p. 182).

Raimundo Magalhães Junior (1966) lembra que a imprensa fluminense se ocupava da vinda da atriz francesa não nas seções de teatro, mas em rubricas especiais nas primeiras páginas. Cada folha tinha sua coluna “Sarah Bernhardt”, narrando minuciosamente as atividades da atriz. O *Diário de Notícias* não fugia à regra. Além de trazer à primeira página uma coluna com o nome da atriz em epígrafe, trazia também grandes notas na seção “Foyer” e, é claro, na “De palanque”, de Artur Azevedo. São esses os textos que constituem nosso objeto de interesse para este artigo. Por meio deles falaremos um pouco sobre esse acontecimento importante para aqueles que se interessam por assuntos referentes a teatro.

A grande movimentação em torno da vinda da atriz aconteceu porque era a primeira vez que ela vinha ao Brasil e também porque, para muitos espectadores, era a grande oportunidade de verem representados, em língua original, dramas como *Fédora* e *A dama das camélias*, que já tinham sido levados à cena em língua italiana e portuguesa, por Eleonora Duse e Lucinda Simões, respectivamente.

A promessa de trazer Sarah Bernhardt à Corte, feita pelo empresário Cesar Ciacchi, ainda no ano 1885, começava a se tornar realidade, em 26 de maio de 1886, por volta das 15:00 horas, quando ancorava no Rio de Janeiro o *Cotopaxi*, trazendo-a a bordo. No dia seguinte à chegada, a “De palanque” e a coluna “Sarah Bernhardt” dariam conta de passar o “grande acontecimento” para os leitores do *Diário de Notícias*. Publicou-se uma grande nota, dividida em várias partes, como se fossem capítulos que tentavam dar conta das minúcias do “acontecimento por excelência”. Já naquela época, os jornalistas tinham um perfil de *paparazzi*, porém, usando a palavra escrita como instrumento de trabalho. Algumas folhas, a exemplo de *O País*, contratavam repórteres especiais para fazer a reportagem da recepção e da temporada de Sarah Bernhardt no Rio de Janeiro. As informações de última hora eram transmitidas por telégrafo e as empresas jornalísticas orgulhavam-se por terem afixado “em primeiro lugar” um boletim à porta do escritório:

A ansiedade com que era esperado o *Cotopaxi* foi ontem satisfeita, quando o telégrafo anunciou a passagem daquele pacote, em Cabo Frio, pelas 10 da manhã.

Afixamos imediatamente e em primeiro lugar, à porta do nosso escritório, um boletim, comunicando ao público não só aquele fato, mas ainda que o *Cotopaxi* devia fundear às 3 da tarde, partindo da doca Ferry, às 3 ¼, uma barca, especialmente fretada para conduzir a bordo do transatlântico inglês as pessoas que desejassem receber a tão falada atriz francesa (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/05/1886).

Mas os riscos de infecção de febre amarela fariam o pacote moderar a marcha, na altura da fortaleza de Santa Cruz, para que se fizesse a desinfecção imposta pelas autoridades de saúde. Do cais Faroux e do cais Novo atracavam barcas conduzindo jornalistas e homens de letras como Artur Azevedo, Luiz Murat, Filinto de Almeida, Valentim Magalhães e Quintino Bocaiúva para bordo do *Cotopaxi*.

O maior desejo de todos, chegando a bordo, foi descobrir Sarah Bernhardt, vê-la, admirá-la e, se possível fosse falar-lhe. Não foi muito difícil. A grande atriz estava assentada em uma cadeira no convés e mesmo sem

ter sido apontada, facilmente foi reconhecida. É verdade que os seus retratos, ultimamente afixados com prodigalidade em muitos pontos desta capital, não apresentam senão fugitivos traços da fisionomia da ilustre atriz. Nem é tão pobre de carnes como as fotografias a exibem, nem tão pouco bonita como a pintam. Entre uma magreza natural e uma gordura conveniente. Sarah Bernhardt ocupa o justo meio, de sorte que não pode sofrer os prejuízos dos extremos.

*A alegria de que estava revestida, quando se viu cercada por uma grande multidão, revelava ao mesmo tempo o prazer que lhe causava a recepção simpática e ruidosa de um povo estranho e a boa impressão que até então lhe causara tudo quanto via.*

*A eminente atriz não podia dissimular a sua admiração pelo deslumbrante panorama da entrada do Rio de Janeiro e da Baía de Guanabara.*

*Aos seus companheiros de viagem chamou a atenção para mais de um ponto de vista pitoresco, que os sítios elevados da cidade oferecem de longe aos recém-chegados. Embevecida em tudo que a rodeava, enfrentou com o cavalheiro Cesare Ciacchi e depois de algumas palavras, retiraram-se para a câmara, em companhia de Mr. Maurice Grau, um dos diretores da tournée. Houve aí uma pequena conferência, seguindo-se a apresentação pessoal dos jornalistas a Sarah Bernhardt, pelo cavalheiro Ciacchi. Nessa ocasião foi-lhe entregue um belo ramo de flores naturais, com fitas com as cores franco-brasileiras.*

*A cada um dos jornalistas Sarah Bernhardt dispensou a mais fina atenção (grifos meus)(DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/05/1886).*

Nesse trecho, convém destacar a imagem que se tenta criar da europeia simpática e educada, que se sente alegre com a cordialidade dos brasileiros e ao mesmo tempo encantada com as paisagens naturais do Rio de Janeiro. Paisagens essas que iriam despertar na atriz o desejo de pintar alguns quadros enquanto aqui estivesse, segundo informa o *Diário*. Interessante é que, dias antes, a seção “Foyer” havia publicado uma nota que denunciava outra postura da atriz:

Como o leitor sabe, Sarah Bernhardt fez um fiasco na *Ofélia de Hamlet*, nova adoção dos Srs. Cressonois e Samnou, que subiu à cena no Porte Saint Martin. Sarcey, Montheut, Derosne e outros críticos parisienses, consideram esse desempenho um verdadeiro *four*, e não se prendem com inúteis cerimônias para dizê-lo à atriz no seu belo francês incisivo e frisante. ‘*Ofélia é a natureza*, escreve Leon Derosne, e Sarah Bernhardt deu-nos a caricatura da natureza. A pequena alma de *Ofélia* abre-se à vida com a inconsciência de uma flor, e, se todos os seus instintos são delicados e nobres, não é menos certo que ela não tem senão instintos.

Sarah Bernhardt não compreendendo ou não querendo compreender, parecia apostada em falsear a coerência do personagem. Nunca o que há de restrito, de convencional e de faustosamente artificial no talento de Sarah Bernhardt, nos apareceu com uma tão deplorável nitidez”.

O personagem de *Ofélia*, vago, indefinido e sublime é um terrível escolhido de que até hoje só conseguiu triunfar a grande e singular artista, que se chama Fidés Devriés.

Sarah Bernhardt, ardendo em cólera, atirou à cara de Derosne com o seguinte *amável poulet*:

“Senhor – A sua crítica revela má fé. Assim, pois, o senhor é um homem indigno, com o duplo aspecto de um imbecil – *Sarah Bernhardt*” (FOYER, 22/04/1886).

Supondo-se que fosse mesmo essa criatura simpática e educada, a atriz também apresentava seu lado colérico, quando se sentia contrariada, principalmente se estivesse em dificuldades financeiras. Confrontando a nota transcrita com as informações de Arthur Gold e Robert Fizdale (1994), biógrafos da atriz, chegamos à conclusão de que ela estava deveras sem vintém:

A fim de agradar Felipe Garnier, o amante que despachou na Rússia quando decidiu transformar Damala em ator, no final de fevereiro de 1886 Sarah concordou em contracenar com ele em *Hamlet* no papel de Ofélia. Foi um desastre. Nos dez dias em que a peça ficou em cartaz Garnier foi vaiado. Conquanto aplaudida e elogiada por sua Ofélia, Sarah não teve melhor sorte – teve a pior, na verdade, pois era quem pagava as contas do Porte Saint-Martin. Precisando desesperadamente de dinheiro, colocou seus bens em leilão, vendeu sua luxuosa casa na avenue de Villiers e alugou um apartamento com parques móveis na rue Saint-Georges para servir-lhe de *pied-à-terre* (GOLD & FIZDALE, 1994, p. 206).

Segundo João Roberto Faria (2001), essas excursões pareciam ser um bom negócio para as empresas dramáticas, que não se intimidavam nem com a cansativa travessia do Atlântico – 22 dias, segundo correspondência da atriz ao amigo Raoul Ponchon – nem com os riscos de febre amarela. Para o estudioso, só a perspectiva de grandes lucros explicaria as três viagens que Sarah Bernhardt fez ao Brasil. Ao menos em relação à primeira, cremos que a justificativa está na questão financeira. Disso daria provas o trecho de outra carta escrita para Ponchon, quando a atriz se achava em Buenos Aires:

Buenos Aires, 17 de agosto de 1886

Escute, lord Ponchinot, neste exato momento, neste 17 de agosto às quatro horas da tarde, tenho 200 mil francos. Todas as minhas despesas estão pagas, meus vestidos, as contas de Maurice – tudo! Dê-me parabéns e conte a Richepin, sei que ele vai gostar. Na verdade levarei comigo 1 milhão. Completo. Com todo esse grande sucesso, tenho de admitir que trabalho como uma escrava e anseio por partir da Argentina para o Chile – embora a travessia de doze dias seja terrivelmente perigosa (BERNHARDT *Apud* GOLD & FIZDALE, 1994, p. 210).

Voltando à chegada da atriz ao Rio, depois de desembarcar, “entre gritos, confusão, anarquia, incômodo geral e alguma imprudência do povo”, Sarah Bernhardt seguiu para o Grande Hotel, na rua Marquês de Abrantes, onde ficou hospedada. Acompanhavam-na, “seu filho Maurice Bernhardt, Mme. Guérard, *dame de compagnie* e Mr. Stevens, um *tourist* francês” (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/05/1886).

No dia seguinte ao desembarque, também Artur Azevedo publicaria um grande artigo, no qual mostrava todo seu entusiasmo com a chegada da atriz:

SARAH BERNHARDT! – eis o nome que a estas horas todos os lábios repetem no Rio de Janeiro!

SARAH BERNHARDT! – eis o assunto de todas as conversações fluminenses, o grande acontecimento, o acontecimento por excelência!...

Descrever a balburdia que houve ontem por ocasião do desembarque da célebre atriz francesa, é tarefa que daria não um, mas muitos artigos. Logo que o *Cotopaxi* largou ferro, número considerável de lanchas, bonds marítimos e escaleres transportaram para bordo grande quantidade de indivíduos, levados uns pelo entusiasmo e outros pela curiosidade.

Eu tive a infelicidade de tomar passagem numa barca Ferry, que o Ciacchi pusera à disposição das pessoas que desejassem ir ao encontro de SARAH BERNHARDT. Essa barca bordejou durante muito tempo em torno do vapor, sem resolver aproximar-se. Afinal, nós os passageiros inquietados por semelhantes manejos, interpelamos o mestre, e este nos declarou peremptoriamente ter recebido ordem expressa de não atracar.

[...]

Minutos depois, alguns de nós, desesperados, resolvíamos chamar escaleres e saltar de dentro da barca para dentro deles, com o risco de tomarmos um banho involuntário de água salgada.

Foi desse modo que eu e alguns companheiros de infortúnio conseguimos vê-IA; dois minutos mais que nos demorássemos, não teríamos esse prazer: SARAH BERNHARDT deixava o pacote logo depois da nossa chegada.

[...]

Fluminenses! não há duas Sarahs Bernhards; outros, com mais autoridade que eu, o têm dito e repetido. É preciso que vos mostreis dignos dessa inestimável ventura que Deus vos depara por intermédio do Ciacchi.

Corramos todos a aplaudi-la pressurosos e entusiasmados. Que se não diga lá fora que não demos o devido apreço ao gênio consagrado pelas nações mais civilizadas do mundo. Não a critiquemos, nem a discutamos: admiremo-la!

[...]

Viva SARAH BERNHARDT!(DE PALANQUE, 27/05/1886)

Um dos aspectos a serem observados neste trecho é o interesse do cronista em dar destaque ao nome da atriz, sempre em caixa alta. Difícil saber se o uso do pronome oblíquo átono (vê-IA) também foi intencional ou apenas um erro tipográfico, já que nos outros lugares em que ele aparece está escrito com letra minúscula. Erros dessa natureza eram comuns. Não raro, nas crônicas encontram-se nomes, sobretudo de artistas estrangeiros, grafados de diferentes formas.

No afã de provocar “enchentes” no teatro São Pedro de Alcântara, aonde a companhia iria se apresentar durante a turnê, o cronista evoca o nome de Deus como responsável pelo “grande acontecimento”. Como já vinha consagrada “pelas nações mais civilizadas

do mundo”, ao brasileiro só restava aplaudi-la. Com essa observação, Artur evidencia seu espírito de homem colonizado, traço bastante presente em suas crônicas.

Nos próximos dias seriam publicados artigos que tentavam dar conta da rotina de Sarah Bernhardt: falava-se dos horários de entrada e saída dos ensaios, das *toilettes* que trajava, do figurino que usaria em cada peça a ser representada, da quantidade de malas trazidas pela atriz, do local que escolhera para almoçar, do lugar em que ficaria o camarim, dos nomes dos responsáveis pela mobília e pela decoração, e da visita ao paço da Boa Vista. Sobre esse último ponto vale a pena nos determos um pouco:

Seguiu às 4 para a Imperial Quinta da Boa Vista, onde foi recebida por S. M. o Imperador, com quem conversou durante meia hora.

A conversação entre o monarca e Sarah Bernhardt foi acerca de literatura dramática, apreciação dos trabalhos dos grandes mestres do teatro, Victor Hugo, Shakespeare, Racine, Molière e outros.

O Imperador referiu-se particularmente a cada uma das peças do vasto repertório da grande atriz, manifestando na mais desprestigiada palestra o que pensava quanto às produções dos autores franceses atualmente mais em voga.

Falou de Sardou, Dumas Filho, Ohnet, Feuillet, Goppé e vários outros. Sarah Bernhardt sentia-se perfeitamente diante de Sua Majestade que, sem as etiquetas obrigatórias de soberano, satisfaz as mais exigentes obrigações impostas aos homens de letras e de espírito superior.

Correspondendo à fidalga gentileza com que foi recebida pelo monarca, Sarah Bernhardt por algum tempo referiu-se, em lisonjeiras expressões, ao Brasil, seus homens, costumes, artes, letras, indústrias, imprensa, etc. Revelou-se conhecedora de muitas de nossas coisas (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 30/05/1886).

Relativamente a este trecho, convém destacar duas informações que não podem ser verdade, se considerarmos a simultaneidade de tempo: o período empregado na conversa com o Imperador – meia hora – e a gama de assuntos abordados pelos dois interlocutores. Na mesma medida, é difícil acreditar que a atriz fosse deveras conhecedora dos homens, costumes, artes, letras, indústrias e imprensa do Brasil, como nos tenta convencer o autor do texto. A nosso ver, o deslumbramento do jornalista leva-o a forjar uma imagem da atriz. Vejamos um pouco das “lisonjeiras expressões” usadas pela atriz, em suas cartas:

[...] Sua Majestade, o imperador do Brasil, parece que é pobre demais para comprar uma assinatura. Toda noite chega ao teatro numa carruagem puxada por quatro mulas ofegantes. E que carruagem! Tão absurda quanto seus guardas esfarrapados. Esses galantes brasileiros parecem que estão sempre brincando. Brincam de construir casas, de abrir estradas, de apagar incêndios, de ser entusiásticos (BERNHARDT *Apud* GOLD & FIZDALE, 1994, p. 209).

Considerando o modo pelo qual a atriz se referiu a d. Pedro II e aos guardas, não é exagero sugerir que o uso do adjetivo “galante” para caracterizar os brasileiros é um grande deboche.



---

Não podemos nos furtar ao direito de mostrar também as impressões de Sarah Bernhardt sobre o teatro São Pedro de Alcântara, a melhor sala de espetáculo da Corte:

A vida aqui é triste e feia – oh, muito feia. Não que as pessoas não sejam encantadoras e meu sucesso enorme. Mas que teatro! Ratos e camundongos por toda a parte. Luzes tão fracas que cenas matutinas parecem ter lugar à meia-noite. Não há acessórios, apenas um sofá tão duro que me arreventa as costas e um tapete tão pequeno que poderia ser o cachecol que o contra-regra estende para secar seu tabaco. E contudo tenho rido muito. Fiz espetáculos ótimos, e logo estaremos de partida (BERNHARDT *Apud* GOLD & FIZDALE, 1994, p. 209).

Possivelmente, as pessoas são caracterizadas como “encantadoras” porque afluíam em grande quantidade aos espetáculos, contribuindo para encher as algibeiras da francesa, que estava ávida pelo vil metal, como vimos anteriormente.

Após as primeiras comoções com a chegada de Sarah, a imprensa finalmente anunciou o grande dia: o *début* aconteceria em 1º de junho, uma terça-feira, com o drama *Fédora*, de Victorien Sardou. Em seguida subiriam à cena *Dame aux camelias* (de Alexandre Dumas Filho) e *Adrienne Lecouvreur* (de Ernest Legouvé e Eugène Scribe). Além dessas três produções dramáticas, o repertório era constituído por: *Hernani* e *Marion Delorme*, de Victor Hugo; *Macbeth* e *Hamlet*, de Shakespeare; *Phédre*, de Racine; *L'Étrangère* e *Princesse George*, de Dumas Filho; *Divorçons* e *Teodora*, de Sardou; *Sphinx*, de Octave Feuillet; *Maitre de forges*, de Ohnet; *Martyre*, de Denney; *La tour de Nesle*, de Dumas pai e Guilhardet; e *Frou-frou*, de Meilhac e Halévy (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 27/05/1886). Com esse repertório, a companhia se comprometia a oferecer quinze récitas com dramas, tragédias e comédias diferentes. Mas por circunstâncias externas à vontade de Cesar Ciacchi a promessa não foi cumprida. Tão logo a trupe desembarcou no Rio, uma atriz conhecida por Mme. Maveau foi acometida por um “sarampão”, ficando impossibilitada de tomar lugar nas representações. Esse fato foi suficiente para que a empresa Ciacchi recorresse às reprises, alternando em cartaz as peças *Fédora* e *A dama das camélias*. Somente em 11 de junho, seria representado o drama de Scribe e Legouvé.

Eis como Artur Azevedo começa sua crônica de 3 de junho, na qual se volta para a estreia da companhia:

“1º de junho de 1886: estréia com a *Fedora*, de V. Sardou, no teatro de S. Pedro de Alcântara, do Rio de Janeiro, a célebre atriz francesa Sarah Bernhardt”. Eis o que mais tarde se há de ler nas futuras efemérides da nossa história artística. A noite de anteontem ficou sendo uma data (DE PALANQUE, 03/06/1886).

Todo o texto é permeado por expressões de cunho laudatório para a atriz, que já estava “consagrada por todos os povos civilizados”.

○ teatro estava cheio de um público febricitante, inquieto, impaciente, notável tanto pela quantidade como pela qualidade. Os leitores, que

não tiveram a fortuna de assistir a esse espetáculo, imaginem que muitas famílias da nossa melhor sociedade ocupavam as torrinhãs, essa detestável eminência a que os franceses chamam *paraiso*, e a que com mais propriedade deveriam chamar *inferno*. Na orquestra, onde não houvesse um músico, havia um espectador, ou uma espectadora. Os camarotes eram invadidos por pessoas estranhas aos respectivos proprietários. Ao lado da minha cadeira, de pé, mas comodamente encostado à parede, um soldado de polícia cochilava, indiferente a tudo. Quantos, naquele momento, lamentando em casa a falta de um bilhete, invejariam a sorte daquele modesto e obscuro agente da segurança pública!

Subiu o pano no meio da maior solenidade e do mais absoluto silêncio. Depois do longo diálogo com que abre a peça, diálogo em que o público recebeu a melhor impressão do ator Fraiser no papel, infelizmente curto, do joalheiro Gretch, o pajem Dimetri anunciou a princesa Fedora Romazoff, e um ligeiro frêmito percorreu todos os corpos. Houve um sussurro ligeiro, quase imperceptível, e...

E Sarah Bernhardt surgiu, graciosamente envolta numa riquíssima capa, feita de uma fazenda que os jornais tinham anunciado como *peluche électrique*. A esse respeito confesso que fiquei na mesma.

Algumas pessoas inteligentes, entre as quais se distinguiam muitos dos nossos atores, que se achavam na orquestra, receberam a grande atriz com uma salva de palmas; mas essa demonstração naturalíssima foi imediatamente sufocada pelos *Psius!* que partiram de todas as direções. O teatro estava cheio de pedantes! Impor silêncio naquela ocasião equivaleu a dizer: – Esperem! não a aplaudam ainda! Vamos julgá-la primeiramente! Nada de comprar nabos em sacos! Como se Sarah Bernhardt já não viesse consagrada por todos os povos civilizados, e tivesse que se submeter aqui a um exame prévio de suficiência!

[...]

Os olhos de Sarah Bernhardt faiscavam e pareciam saltar das órbitas inflamadas! A primorosa cena do inquérito, (presumo que o leitor conheça a *Fedora*), a da prisão de Loris Ipanoff, que a vingativa princesa acompanha da janela com a raiva de uma hiena ferida, e, finalmente, o grito lancinante, estridulo, profundamente estudado, que ela solta, abraçada, no fundo do teatro, ao cadáver do noivo assassinado, – são verdadeiros modelos da arte de representar, levada ao último grau de perfeição!(DE PALANQUE, 03/06/1886)

Como vimos, para a segunda noite de representação a empresa escolheu o drama *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho. No papel de Margarida Gautier, Sarah Bernhardt também iria arrancar “estrepitosos” aplausos da plateia. A encenação desse drama traria conseqüências desagradáveis para Artur Azevedo. Explicando melhor, uma prática comum à crítica da época era o sistema de confronto entre as performances de artistas que desempenhavam o mesmo papel em épocas diferentes. Em junho de 1885 a italiana Eleonora Duse subiu ao palco do São Pedro de Alcântara para interpretar a heroína de Dumas Filho. Naquela ocasião, o jornalista maranhense publicou uma crônica, cujo trecho transcrevemos:

Na competente seção desta folha, outro dirá que espécie de Margarida Gautier se encarnou anteontem no corpo da eminente atriz, e como as honras da representação lhe foram brilhantemente disputadas, no final do 4º ato, por Flávio Andó. Outro transmitirá ao leitor a dolorosa impressão que lhe produziu a morte de Margarida.

Esta senhora tem morrido um sem número de vezes no Rio de Janeiro. Entre Emília das Neves e Lucinda Furtado Coelho, cinqüenta damas das camélias têm tossido no palco brasileiro o seu interessante papel. Das que eu tenho visto morrer, algumas o fizeram mais teatralmente: nenhuma o fez ainda com tanta e tão pungente verdade.

A Duse, que é, talvez, uma Margarida Gautier menos tuberculosa do que cardíaca, teve o bom senso de desprezar as *ficelles* convencionais do seu papel, e aproximá-lo da verdade o mais que lhe foi possível.

Na cena do 1º ato, quando Armando lhe diz que a ama, no grande diálogo com o velho Duval no 3º ato, em todo o 4º ato e na leitura da carta, no 5º, a grande artista encontrou efeitos novos, pequeninas coisas que escaparam às suas predecessoras. Ainda no último ato, quando a criada lhe vem anunciar a inesperada visita de Armando, o flamejar daqueles olhos, aquele desejo de viver, aquela reanimação fictícia do seu espírito, – como tudo isso foi feito debaixo de todas as regras da verdadeira arte de representar!(DE PALANQUE, 19/07/1885)

Em 1886, por ocasião da aparição de Sarah no mesmo papel, o cronista tentaria retratar sua opinião:

É possível que alguns dos meus leitores se lembrem, de que fui eu, na imprensa fluminense, um dos mais estrênuos admiradores da Duse-Checchi, a eminente atriz italiana que o ano passado a todos nós arrebatou com os lampejos do seu talento. Nessa ocasião, eu disse, profundamente convencido, que era impossível representar como a Duse o difícil papel de Margarida Gautier.

Pois bem: desdigo-me, e sabe Deus com que sentimento o faço, ó minha adorada Duse! Sarah Bernhardt é o ideal das Margaridas! Estou extasiado! O espetáculo de anteontem assombrou-me!

Tinha-me dito que era esse o “pior” dos seus papéis, e quem mo disse, tinha, reconheço, a dupla autoridade da ilustração e da arte. Mas eu sou franco: para mim, o trabalho de Sarah na *Dama das camélias* vale dez vezes o seu trabalho na *Fédora*: é um curso completo de arte dramática! O velho teatro S. Pedro transformou-se anteontem numa academia! Viva Sarah Bernhardt (DE PALANQUE, 07/06/1886).

Segundo Raimundo Magalhães Junior (1966), a súbita mudança de opinião não agradou ao secretário de redação do *Diário de Notícias*, Oscar Pederneiras, para quem, a última atriz que representasse tal papel sempre ganharia das antecessoras. A recusa à publicação da crônica foi motivo para que Artur Azevedo deixasse sua posição de cronista no *Diário*. O texto recusado foi publicado na *Gazeta de Notícias*, de 7 de junho. No artigo em questão o dramaturgo também fazia referência a uma pateada de que foi alvo o galã da empresa, Felipe Garnier. Na verdade, não somente em relação a esse ator, mas tam-

bém ao restante da companhia, os comentários da imprensa não eram muito lisonjeiros. Anteriormente à chegada da troupe à capital do Império, já havia especulações acerca da qualidade dos atores que acompanhavam Sarah Bernhardt:

Sarah está julgada. Conhecem-na, porque já a ouviram, muitos habitantes do Rio de Janeiro; os mais espectadores que vão concorrer aos espetáculos da empresa Ciacchi e aos quais não é estranho, pela leitura dos jornais, o juízo feito de há muito sobre tão falada atriz, vão ver quem tem razão, nada mais. Infelizmente, vão julgá-la quando em ela mal acompanhada. [...]

Aludindo à fraqueza do conjunto que o Sr. Ciacchi pôde conseguir para acompanhar Sarah Bernhardt, longe estamos de censurar o ousado empresário. Sarah é exigente e nem por sentir-se no declínio faz seu trabalho a *bon marché*: como o sol do inverno, vende-se cara. Por toda a parte aonde vai são os seus empresários forçados a elevar extraordinariamente os preços e ainda assim nem sempre tem sido felizes na empresa (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23/05/1886).

Mas foi na noite do *début* que a fraqueza do conjunto começou a ser realmente notada, quando Garnier se ocupou do principal papel masculino em *Fédora*. Como lembram os articulistas:

Loris Ipanoff era o Sr. Felipe Garnier, ator que pertenceu ao Teatro Francês, onde entrou depois de alcançar o primeiro prêmio no Conservatório de Paris. Ultimamente o elogiaram muito nos papéis de Justiniano, da *Teodora*, de V. Sardou, e de Luiz XIII, de *Marion de Lorme*, de V. Hugo.

Francamente: a impressão geral, produzida anteontem por este artista, foi a mais desfavorável possível. No fim do segundo ato, aguardávamos todos o terceiro, convencidos de que o Sr. Garnier *cachait son jeu*, reservando-se para um geral em copas, como se costuma a dizer. Enganávamo-nos! o ex-pensionista da casa de Molière disse com extrema correção a longa narração do assassinato de Wladimiro; mas infelizmente não passou disso. Não lhe achamos sentimento, nem expressão, nem mesmo distinção de maneiras. O Sr. Garnier (que a muitos pareceu mais Serafim José Alves que Garnier) diz: *Je t'adore!* como quem diz: *Ora bolas!* Estas incorreções surpreenderam desagradavelmente, mesmo àqueles que mais ou menos habituados estão com a declamação francesa.

No terceiro ato lembramo-nos com saudades de Flávio Andó, que era inimitável na difícil cena da leitura da carta. Que frouxidão! que imobilidade!... Houve até quem tivesse desejos de gritar: Ataca, Felipe! Estamos certos de que um bom par de bigodes atenuaria o mau efeito causado por aquela cara de seminarista, que o Sr. Felipe Garnier nos apresentou anteontem. É possível, é mesmo provável que este cavalheiro seja noutros papéis o artista aclamado pela imprensa francesa; no de Loris Ipanoff não vale dois caracóis. Falta-lhe alma, falta-lhe distinção, falta-lhe paixão,... e faltam-lhe bigodes (DE PALANQUE, 03/06/1886).

Para muitos, mais de um terço talvez dos espectadores que anteontem assistiram à *Fédora*, Sarah Bernhardt não era novidade; dos restantes, raros desconheciam quanto se tem escrito, aquém e além Atlântico, sobre ela. Agora podem, uns e outros, julgar se como a muitos se afigura, o astro declina (opinião esta, tomem nota, com alguma voga entre parisienses) ou se o talento, novo Josué, fez parar aquele sol que brilhou na *Comédie Française* e não pôde aquecer a *Porte Saint Martin*. É verdade que o insucesso da atriz empresária foi levado à conta de prodigalidades e falta na administração pouco prática; muitos porém, viram a principal razão do abandono de certo público, na fraqueza dos artistas escolhidos para compor o resto da companhia.

Dessa lição não tiraram proveito os empresários da *grande tournée*, pois na fragilidade de um conjunto abaixo da crítica, encontramos a razão do desastre de anteontem.

Mme. Sarah não se apoderou, como era de esperar, do publico fluminense; e, digam o que disserem quantos tiverem contrária opinião, a verdade é que em sua estréia a empresa Ciacchi – direção Abbey & Grau – teve UMA CASA CHEIA, mas a companhia fez naufrágio.

Deste salvou-se a grande artista, mas Sarah estava de antemão aceita e julgada, e ainda quando não fosse a atriz que é, não era preciso grande merecimento para destacar-se e sobressair no meio de tão... *fracos* companheiros.

O público não se entusiasmou, e quando uns pequenos nada, feitos com perfeita naturalidade pela atriz, iam animando o espectador, vinha o Sr. Garnier deitar água fria na fervura.

Dizem que a protetora do Sr. Garnier, galã que não possui uma só das qualidades exigidas para fazer o personagem de Loris Ipanoff, impõe-lhe a barba sempre muito bem escanhoadada, e que este ator quando não está de serviço, passa o seu tempo em casa do barbeiro. Nós, porém, muito respeitosa e fazemos um pedido ao Sr. Garnier – usar bigode postiço quando representar, e assim tudo se concilia. Se do Dr. Garnier passarmos a Mme. Fontanges (Comtesse Olga) e Mr. Ângelo (De Sèreix) temos de convir que podiam ter ido pior; ao menos têm agradável presença, e seu metal de voz não irrita os nervos (FOYER, 03/06/1886).

Quando da representação de *A dama das camélias*, em que Felipe Garnier representou o papel de Armand Duval, a pateada foi inevitável:

Desde o 1º ato começou o desagrado a manifestar-se nas galerias, contra o ator Felipe Garnier. No intervalo, vários grupos se interessavam para que a má vontade de quase todo o teatro não fizesse explosão. Os movimentos se acentuaram, porém, de tal forma, que depois do 2º ato várias autoridades e particulares procuravam obstar a estrondosa pateada, que irrompeu violentíssima no 3º ato, por três vezes, sendo afinal abafada pelo público da sala, por meio de palmas e atrasos (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 03/06/1886).

A repugnância pelo Sr. Garnier, que já na *Fédora* havia desagradado, mas que nada sofreu então, porque atribuía-se o seu insucesso às muito conhecidas comoções de uma estréia, subiu de ponto na *Dama das Camélias*. Logo no 2º ato as manifestações de descontentamento apareceram bem salientes. A surdina de muitas vozes e a tosse de inúmeros bronquitados confundiam-se na sala, fazendo singular ruído quando Mr. Garnier falava ou as imposições do seu papel o colocavam em plano de maior notoriedade.

Ao cair do pano, no 2º ato, já não havia dúvida quanto ao aresto de condenação que a platéia lavrara contra o Armando do Sr. Grau.

A reprovação era geral, e tanto mais revelava-se o aborrecimento pelo fiasco do galã da *Comédie Française*, quanto a opinião geral, aclamava com saudosa recordação o nome do inteligente ator que na companhia Duse glorificou a segunda figura da *Dama das Camélias* (FOYER, 04/06/1886).

Nem mesmo a presença da polícia, encarregada de inspecionar os alunos da Escola Militar, foi capaz de impedir a pateada. Para excitar ainda mais os ânimos no teatro, uma ponta de cigarro, caída das galerias, ateou fogo no vestido da baronesa de Mamanguape, que se achava no camarote 24. Esses incidentes foram suficientes para que se interrompesse a representação, deixando Artur Azevedo extremamente irritado, como lembra Magalhães Junior (1966).

A título de curiosidade, durante a estada no Rio de Janeiro, o empresário Cesar Ciacchi vendeu uma assinatura com quatro récitas para “um lugarejo chamado São Paulo”, para usar as próprias palavras de Sarah Bernhardt em carta escrita para o amigo Ponchon. Mesmo naquela cidade, Felipe Garnier não conseguiu agradar. Como vemos, o artista vinha acumulando uma série de rejeições.

Segundo a imprensa, a partir da segunda representação na Corte, teria começado a haver “vazantes” nos espetáculos da empresa. Esse fenômeno era atribuído à má qualidade dos artistas, mesmo sendo eles vinculados a teatros famosos como a *Comédie Française*, *Renaissance*, *Ambigu*, *Porte Saint-Martin*, *Vaudeville* e *Gymnase*, mas também aos altos preços cobrados pelos bilhetes. Levando-se em conta as ações dos cambistas, que compravam ingressos e tentavam vendê-los com “escandaloso ágio”, acreditamos que as representações da troupe Ciacchi constituíam um negócio vantajoso, mesmo havendo o suposto afastamento do público. Como medida de segurança, o chefe de polícia, Dr. Silva Matos, permanecia no teatro desde as 4 ½ da tarde até o fim do espetáculo. Em outros pontos da cidade, como nas ruas do Espírito Santo e do Ouvidor, colocavam-se agentes de polícia encarregados de apreender os bilhetes. Também os falsificadores tentavam encher a “algibeira”. Para evitar fraude, foi preciso que a empresa adotasse um novo sistema de carimbo e substituísse, por outro de melhor qualidade, o papel em que eram impressos os bilhetes.

Nessa dinâmica toda, os comerciantes também arranjavam meios de se beneficiar, colocando o nome de Sarah Bernhardt como chamariz em seus anúncios. Vale a pena transcrever de um deles:

---

### SARAH BERNHARDT

Depois da chegada desta celebrada artista, ninguém fala noutra coisa a não ser na importantíssima liquidação que está fazendo a

#### CASA DO CRUZ

Como nos anos anteriores, este grande e bem conhecido estabelecimento faz a sua liquidação de semestre, a qual durará até o fim do corrente mês; sendo esta uma excelente ocasião de comprarem fazendas, modas e armarinho por muito menos do seu valor.

#### APROVEITEM!

[...]

39A Rua de Uruguaiana 39A

(Antigo Alcazar)

Cruz & Viana (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 06/06/1886).

Este texto ocupava praticamente a página inteira do *Diário de Notícias*. Na parte por nós suprimida, havia uma longa lista de produtos em oferta. Como se vê, o nome da atriz não tem outra função a não ser a de chamar a atenção do leitor para o anúncio.

Além de protagonizar as heroínas de Dumas Filho, Victorien Sardou, dentre outros, Sarah Bernhardt ganharia destaque também na imprensa por conta de uma cena de agressão contra uma colega de elenco. O acontecimento foi parar nas páginas do *Diário de Notícias*, em 23 de junho:

#### DESORDENS ENTRE ARTISTAS

#### UM SUBDELEGADO EM APUROS

#### BOFETÕES NO PALCO; COMÉDIA NA ESTAÇÃO POLICIAL

Ontem às 6 horas da tarde apresentou-se na estação policial do 1º distrito do Sacramento Mme. Sarah Bernhardt, acompanhada por diversos atores da companhia do S. Pedro.

Após este grupo entrou entre policiais Mme. Berthe Noirmont, atriz da mesma companhia.

Aí chegados, o Sr. Garnier declarou que Mme. Noirmont havia esbofetado Mme. Sarah Bernhardt, na caixa do teatro, e que enquanto não chegou a polícia, que tinham ido buscar, os artistas retiveram presa a agressora. Interrogado o Sr. Garnier, declarou que Mme. Noirmont sem o menor motivo, aproximara-se de Mme. Sarah Bernhardt e dera-lhe uma bofetada. A ofendida fez o mesmo depoimento.

Mme. Noirmont, declarou que precisando de um baú maior, que tinha no teatro S. Pedro em seu camarim, levou para o teatro um outro menor, que tinha em casa, e quando retirava o outro, foi detida no Rócio e o baú reconduzido para o teatro.

Quando aí chegou para pedir uma explicação do fato, apareceu-lhe Mme. Sarah Bernhardt, que disse ter sido ela quem dera a ordem, porque na mala havia roubos e que Mme. Noirmont era uma ladra.

Nesta ocasião, ferida pela injusta acusação que lhe faziam, esbofeteou

a queixosa, sendo então esbordoada por todos os artistas que estavam presentes.

Quando o subdelegado mandou pelo intérprete, o Sr. Aquile Lénior, dizer a Mme. Sarah Bernhardt que ela devia esperar para assinar o auto de flagrante, ela levantou-se, exclamando:

– *Vous êtes des brutes, je m'en vais.*

E ato contínuo tomou o seu carro. Os outros artistas retiraram-se, ficando o empresário Ciacchi e Mauricio Grau, assinando este último com o Sr. Aquile Lénior a fiança provisória, para que Mme. Noirmont pudesse sair e tomar parte no espetáculo de ontem (DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 23/06/1886).

De início, a manchete chama atenção pelo tom cômico do subtítulo. Essa comichade era uma característica da época. Em vários trechos do *Diário* percebe-se essa prática de misturar o “trágico” com o cômico. Ao mesmo tempo, o trecho revela um pouco mais sobre o gênio de Mme. Sarah. Nos próximos dias sairiam mais quatro notas acerca desse acontecimento. De acordo com uma dessas notas, Maurice Bernhardt, um rapaz de aproximadamente 21 anos, juntou-se a um amigo e tentou agredir Noirmont covardemente em uma rua da cidade. Os moradores socorreram a vítima.

À guisa de conclusão, a companhia Ciacchi permaneceu no Rio até 10 de julho. Pelo que foi possível investigar, durante essa temporada, a empresa ofereceu dezessete espetáculos, porém, representando apenas sete peças do repertório: *Fédora* foi encenada quatro vezes, *A dama das camélias*, *Froufrou* e *Adrienne Lecouvreur*, três vezes cada uma, *Fedra*, duas vezes, e *Mestre de forjas* e *Teodora*, apenas uma vez cada. Como podemos ver, o empresário não conseguiu cumprir a promessa de não repetir espetáculos. Mesmo assim, a atriz comemorava o sucesso e mostrava-se feliz com o dinheiro ganho para recorrer às suas despesas. A cada representação, Sarah acumulava mais elogios, enquanto que Felipe Garnier recebia mais críticas. Somente na representação de *Fedra* a imprensa começou a chamar atenção para as qualidades artísticas do ator. Havia uma certa expectativa em relação à encenação de *Teodora*, de Sardou, peça na qual Ganier obteria grande número de aplausos, interpretando o papel de Justiniano. Em relação ao conflito entre Noirmont e Sarah Bernhardt, nada mais se falou. Em 1893 esta voltaria ao Brasil para mais uma série de representações e de incidentes.

## Referências bibliográficas

DIÁRIO DE NOTÍCIAS, Rio de Janeiro, 1885/1886.

FARIA, J. R. **Ideias teatrais: o século XIX no Brasil**. São Paulo: Perspectiva; FAPESP, 2001.

GOLD, A.; FIZDALE, R. **A divina Sarah: a vida de Sarah Bernhardt**. Trad. Hildergard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

MAGALHÃES JUNIOR, Raimundo. **Artur Azevedo e sua época**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.